

Redacção, administração, oficinas de composição, impressão, litografia, photographia e Stereotypa
RUA FORMOSA, 43 - LISBOA
Telephono: 1531. Direcção - 4207. Redacção - 142. Off. de Impressão - 1522. Off. de Litografia - 1522. Off. de Com. - 1522.

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal e Ilhas adjacentes, 2 meses, 370 réis.
6 meses, 500 réis. 1 anno, 1000 réis.
Colónias portuguezas e Hespanha, 6 meses, 500 réis.
1 anno, 1000 réis.
Estrangeiro, 1 anno, 1200 réis.
Brazil, 1 anno, 1000 réis mais taxa.

Propriedade da Empresa do Jornal O SECULO
Editor: José J. Nabret Gouveas

O SECULO

SUPPLEMENTO HUMORISTICO

Director artistico: Jorge Colaco

Director litterario: Accacio de Palma

Os côrtes das gratificações



O CHEFE DA REPARTIÇÃO: - Estou encarregado pelo governo de dizer aos srs. empregados que os serões, de hoje para o futuro, passam a ser do meio dia ás duas horas da tarde.

A Sociedade de Geographia na Batalha



O cicerone.—Ali tem vossas excellencias o convento da Batalha.
Um excursionista.—E de onde lhe provém o nome?
O cicerone.—Da batalha de Alcaçer Quibir...

O contacto...

O sr. presidente do conselho, ao que se diz, está no proposito de, sempre que possa, procurar o contacto com o paiz.

S. ex.^a quer esfregar-se pela nação, roçar-se pela opinião publica, passar tangencialmente ás grandes correntes do sentir nacional. N'esse intuito foi já falar ao Porto, e qualquer dia irá a Evora ou a qualquer outra cidade.

S. ex.^a sente-se phosphoro e procura lizas. Do contacto entre um e outra sae a chamma, a luz.

S. ex.^a diz o que lhe apetece, roça, e não se morbo. Accend'as, em qualquer caixa, até o seu prazer é variar o mais possível de liza. Esfregadella aqui, esfregadella acolá.

S. ex.^a é um phosphoro, mas um phosphorophenix, que acceso n'um ponto, logo se apaga e cria nova vida para se reacender n'outro. O pavio é formado pelo sr. José Luciano, a cabeça, a

parte phosphorica, é s. ex.^a. Foi d'esta combinação que sahio a concentração liberal. Sem o pavio, sem o sr. José Luciano, não tinha o sr. João Franco por onde se lhe pegasse; sem cabeça phosphorica não tinha o sr. José Luciano, o pavio, meio de arder, de funcionar.

Assim irão o partido progressista e o partido regenerador-liberal accendendo-se pelas diferentes lizas do paiz, sem poderem prescindir um do outro. Mas admitta-se a hypothese de que um bello dia pavio e cabeça phosphorica deixem de entender-se. Que succedera?

O pavio sem a parte phosphorica de nada serviria; mas tambem a cabeça sem pavio constitue um perigo para a estrogação, que se queimaria os dedos; ninguém lhe pega. Mas como o pavio o palito governamental, a cabeça desappareceu, e ficou apenas o pavio para allumiar ou queimar, pôde muito bem acontecer que o pavio prefira deixar-se consumir até ao fim, sem que a massa phosphorica renasça da propria chamma, e então

era uma vez a influencia phosphorica da sobredita cabeça.

Cessam' então os contactos pelo paiz, e enquanto o pavio durar será sobre elle que convergirão as attentões, será elle que allumiará ou queimará até se consumir de todo. Da cabeça nem já haverá memoria.

Por isto, nos parece que bem avisado andaria o sr. presidente do conselho em ter um ou mais pavios de sobressente para o que der e vier. Quando lhe faltasse o pavio progressista, iria encabeçar se no que mais lhe conviesse, se tivesse mais d'um de reserva, ou n'aquelle unico que tivesse podido arranjar. Assim estaria apto para continuar a esfregar-se pela liza nacional.

Moralidade: Sr. presidente do conselho, cuidado com as eleições. Veja lá não faça muito grosso o pavio progressista. Antes varios patriosinhos...

Primeiro Espada.

Pensamentos de homens notaveis, ácerca da mulher

Se quereis saber a verdade da bocca d'uma mulher, pedi-lh'a sob juramento. Logo que jure ficas sabendo que a verdade é exactamente o contrario do que ella disse.

Razac.

Tem-se comparado milhares de vezes as mulheres ás flores, decerto porque é perigoso dormir em recintos fechados onde estas estejam.

E. Goncourt.

Dissoste-me: O teu amor é uma cabana. Mas quando viste que a cabana não era mobilada á Luiz XV, voltaste para casa do teu paó.

Espronceda.

Uma replica da mulher ignorante vende-se facilmente as mais arguciosas argumentações dos sabios.

Voltaire.

A mulher é o unico animal que se planta.

Byron.

Nunca vi ninguem que mais chorasse pela morte do marido. Perguntei-lhe por que era tamanha dor.—Porque me fica muito mal a cor preta! respondeste.

Annuncio.

Os paes não deviam deixar as meninas brincar com bonecas até muito tarde. E' talvez por essa convencia que são raras as que não ficam bonecas toda a vida.

Goethe.

No que Othello fez mal não foi em ter assassinado Desdemona; foi em ter casado com ella.

Racine.

A fidelidade de Penelopa? Ora adeus! Teimosa como todas, é o que ella era!

Dante.

Ardeu uma casa onde havia uma menina muito linda. Esta fugiu para a rua gritando desvairadamente: Salvem os meus formosos de figurinos!

G. Sand.

Para enganar o primeiro homem bastou uma mulher, mas para enganar a primeira mulher foi preciso nada menos do que o diabo.

Machiavelli.

Venci meio mundo; não venci Maria Luiza.

Napoléão.

Tem umas lindas mãos aquella senhora. Que pena tocaram piano!

Mozart.

Lembrac-vos, meus amados irmãos, que é das mulheres que se fazem as sogras!

Santo Agostinho.

(Tradução muito livre de)

Philosopho.

Considerandos

Até que chegan a occasião de Lisboa ser limpa a valer. O arrojado vencedor sr. Sabino de Sousa tomou o assumpto á sua conta, perante os collegas, e não ha duvida de que d'esta vez o arrematante fará a sua obrigação.

Pontos da proposta que s. ex.^a mandou para a mesa, com considerandos que muito tem calado no animo dos varredores:

«Considerando que na Alemanha, Austria e Belgica, a varredura das ruas é dirigida por um tecnico que sabe, pelo menos, chimica, physica, hygiene e bacteriologia...

«Considerando que em Paris e outras capitães se usam automoveis regedores, etc.

«Considerando que em Munich, Angsborg e Nuremberg, se usam carroças metallocas especiais...

«Considerando as experiencias dos recipientes cylindricos em Berlim e Viena;

«Considerando o jogo dos duplos sacos descriptos por Kerre...»

E assim por diante.

Pelo que se vae abrir na Escola Polytechnica um curso especial para varredores e alguns d'estes partiram já para o estrangeiro a fim de praticarem na Austria, Alemanha, Belgica, etc., etc. O que n'este paiz é preciso saber para ser qualquer coisa!



—Não me contraries fora de casa, polista.
—Por quê?
—Porque choro.
—E que tem isso?
—Tira-me o pé d'arroz da cara.

Confucio.

Lisboa á sede

Foram dois dias de afflicção para Lisboa, os do sexta e sabado; não por via das lavagens, porque, graças a Deus os lisboetas não andam tão sujos que precisem d'ellas. Mas por via da sede e de outras coisas mais.

Na rua.
—Aú! aúú!
Uma dama, da janella:
—Vem cá com o barril.
O gallego:
—Dobre a lingua, se quizer.
—Vossa excellencia tem a bondade de cá vir sr. gallego?
—Ixo ahora é oitra coxa!

Um taberneiro, arrancando os cabelos:
—Mais dois dias de falta de agua e sou um homem fallido!

Durante algumas horas não se soube o motivo da falta de agua.
Por fim, tudo se esclareceu.
Um dos secretarios do sr. João Franco para este:
—Estão ali os jornalheiros...
O ministro apoplectico:
—Que diabo querem elles mais? Já supprimi o mais que podia.
—Dizem que estão sem pão...
—Isso sei eu. E depois?

—Depois, podem providencias.
S. ex.ª pensando um momento:
—Ah! já sei o que elles querem! Fica tambem supprimida a agua!

No Pique-life d'um jornal:
—O pae da noiva tencionava offerecer um delicado copo d'agua aos convidados, mas em vista da ruptura do Alviela resolveu offerecer-lhes um copo de vinho.

Na Boa-Hora. O juiz para o roubo:
—O que a senhora fez com os brilhantes do mostrador da ourivesaria?
—Confesso, sr. juiz, mas rogo a v. ex.ª o favor de attender a uma circumstancia attenuante.

—Que circumstancia?
—E' que o roubo foi feito na sexta feira.
—E então?
—Então, foi no dia em que faltou a agua em Lisboa. Ora eu estava com muitissima sede e se me apoderei dos brilhantes, foi simplesmente por vêr que eram de bellissima agua.

Guerra Junqueiro a escumilha

Ora vejam lá como se faz a celebridade de um homem!
Uma dama portuense lembrou-se de fazer uma



carteira tendo de um lado, bordada a escumilha, a vera effigie do nosso Guerra Junqueiro e do outro, um lavrador, cava que cava para semear pão, allusão caruncha á Oração aos Moletos do Bifou do mesmo poeta
A carteira foi offerecida pela sr.ª D. Honorina

de Lacerda ao maximo lavrador e oputa, que a agradeceu n'estes termos:

Recibi e não ira prosa
A sua amavel romessa,
D. Honorina.
E então digo-lhe mais
é das taes!
—o que se chama papa final!

Sinto dilatar-se a pupila
Sempre que contemplo
A canteira de escumilha,
Andam lobos cervaos pelo monte
Dando nivos que cortam o ar...
São malandros que n'a quorem roubar...

Mas não me roubam esta delicia
Que eu vou pr' sob o olho da policia.

Obrigado, Honorina, obrigado
Pela offerta gentil mil graças!
E tu canteira
P'la vez primeira
Guarda-me estas massas!

O sr. João Franco prometteu recentemente duzentos contos para os operarios invalidos.
E' uma luzinha de esperança no horizonto para os jornalheiros; se d'aqui a pouco não estiverem invalidos é porque são de muito má raça!

PARA AGUAS



—Então v. ex.ª para onde vae este anno?
—Para Piorres-Salées...
—Ah! e onde ficam essas aguas?
—Em Derrière-les-Monts...
—E porque as escolheu?
—Para ficar perto de Charleroy...

Entre amigos:
—Enfim, posso ir para fóra?
—Para onde?
—Para aguas.
O primeiro, remirando-o:
—Estás precisado, effectivamente!

Valor, lealdade e merito

Ao saber lá em Paris
O conselheiro
Hintze Ribeiro
Que João Franco, o feliz,
Abichára de repente
A Torre e Espada,
Não disse nada
Mas ficou muito doente.

Tambem o Zé Luciano
Mesmo apesar
De hoje tratar
O João Franco por mano
Sentiu logo na beziga
A sensação
D'uma frição
Dada com folhas de urtiga.

Sendo o Ordem militar
Causa estranheza
A pendureza
Na pisanada vulgar,
E é sabido que o forreta
Que teve a graça
Não sentou praça
Nem ao menos em corneta.

Agora quem a commenda
Devia ter
Era, a meu vêr,
O ministro da fazenda,
Que em tempo do Marialva
Era sargento
D'um regimento,
Como consta da resalva...

Carola-de-banda.

Notas do congresso

Sabemos muito bem que o publico estava ansioso por que soubesse á luz esta numero do Supplemento para vêr a nossa reportagem do congresso republicano do Porto, de todas a mais desapaixonada. Pois ella ali vae e desculpem o incommodo.

Comunicação d'um general

Ao abrir-se o congresso, a presidencia recebeu uma communicação muito interessante do general Tempo, da arma de cavalleria. Damos os pontos principaes d'essa communicação:

«Contem comigo e com o meu exercito. O regimento dos Minutos está preparado a toda a hora e tem feito muitos quartos de sentinella como tirocinio. Póde assegurar-se que é um regimento que não tem segredo.

«Dêem tempo ao Tempo e a seu tempo se verá. Não recelem contratempos. Em menos de dois tempos, se me avisarem com tempo, ali me tem a tempo. O tempo urge. Sem tempo para mais, todo vosso

Tempo.»

Soldados e marinheiros

A meio da sessão entraram na sala muitas praças que vinham pôr-se francamente ao lado dos republicanos. Eram os acontecimentos: a Maria da Fonte, a Revolução Francesa, a symphonia de Guilherme Tell, a guerra da Independencia, as Vesperas Sicilianas e outros. O entusiasmo foi indisciplinavel, havendo morras aos Cabraes, vivas a João Pinto Ribeiro, etc.

Susto na policia.— Um chefe atrapa-lhado

No commissariado, em constant communicação telephonica com a sala do congresso, não se ganhou para os sustos.

Um guarda estava incumbido de transmittir as notas mais alarmantes:

—Trim... trim... trim... Meu chefe, está lá?
—Estou. Que tempos?
—O Tempo adhere.
—Não parecebo.
—Revoltou se o tempo.
—Não creio. O dia está lindo.
—Não é esse tempo.
E' o Tempo do relógio.

No relógio é que está a bomba.
O chefe gritando:
—O da guarda! venham cá todos!
Acorreram immediatamente cincoenta guardas.



—No relógio... bradou o chefe. Ah... E apontava para o relógio, a tremor.

Aberto este verificou-se que o susto era infundado. O que lá havia era apenas um rato, que não oppoz a minima resistencia.



Venha abaixo!

*E' t. da contor' ada com firmeza
E rija como o azinlo.
Se d'uma porta a chama uma freguezia
Põe a canastra entre a parede e o scio
E p'de-lhe um quartinho
Por um peixe que vale quatro e meio.*

*E' digna; se lhe dizem uma graça
Tem pragas sonorasas
Que denotam a força d'uma raça
Feita para lutar:
Populações alegres, musculosas,
Costumadas ás brigas contra o mar.*

*E' parca no alimento,
Como as aves; ali com quinze réis
Tem todo o dia, e sobra-lhe, sustento
Que esplendidos almoços,
Que raros e finissimos quartéis
De figos e tremoços!*

*A's vezes, quando a peixe anda moída,
Vae disfarçadamente,
Dá no meiminho um golpe decidido
E então a venda é certa:
Lá lhe atesta a frescura o sangue arde.
A palpitar na gueltra meio aberta.*

*Casada, traz no colo, pela rua
(E em casa tem mais oivo) um garotete
Com a birriga nua
Bívida e verde; pois do vez em quando
O pequenito, em guinchos de sal-sete,
Já com a mãe alterna, apregoando!*

*Quando che'ra a final
A ter um cordão d'ouro e um coração,
Passa por nós altiva e triumphal
De modo que se pulga desacato
P' dir-lhe um quarteirão
De carapaus de gato!*

*E' raro então subir alguma escada;
Tun'to que estando um rei em seu mirante
Apetereu-lhe um dia uma pescada
E como o populacho,
O glorioso imperante
Teve, se a quiz comprar, de vir a laixo!*

Entre imperadores



— Acode-me, collera!
— Corro a salvar-te!

Muito importante

Chamamos a attenção dos nossos leitores para o seguinte annuncio, muito importante, e que a todos, sem distincção de cor politica, convém ler. Trata-se do bem geral e em questões do bem geral, nós, como a policia, cá estamos. Segue o annuncio:

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Serviço de manifestações na gare do Rocio
Aviso ao publico

Sendo conveniente regular o serviço de manifestações na estação central dos caminhos de ferro



(Rocio) a fim de se não tresmalharem ou confundirem manifestações de varias especies e cores e com varias origens e fins, foi deliberado pelo conselho de administração da Companhia Real e ao publico se comunica, que a partir de 20 do julho corrente será regulado o serviço das ditas manifestações pela seguinte forma:

As manifestações republicanas poderão effectuar-se:

a) Ao sr. Bernardino Machado, nos comboios expressos que chegam ao Rocio ás 10,45 da noite e aos correios das 7,28 e 45.

b) Ao sr. dr. Alfonso Costa nos comboios *sud-express* que chegam ao Rocio ás terças e sextas feiras, excetuando o *Sud American Express*. A's quintas feiras, nos comboios de mercadorias.

c) Ao sr. dr. Paes Pinto nos comboios ordinarios da linha de leste e ás terças feiras no *Sud-express* e bem assim nos que recebem passageiros da linha da Beira Alta.

Manifestações monarchicas:

a) Ao sr. João Franco em todos os comboios ordinarios. E' escusado esperal-o em comboios especiaes. Não usa.



b) A qualquer chefe de partido na opposição nos comboios que opportunamente serão annunciados.

Nota.—Para estas manifestações é preciso prevenir a companhia com 24 horas de antecedencia, para se obter do governo a respectiva autorisação.

A entrada para as manifestações republicanas effectuar-se-ha pela porta do largo junto da calçada do Duque, a fim da policia poder puxar dos terçados mais á vontade e haver espaço para o estabelecimento de ambulancias da Cruz Vermelha.

A entrada para os manifestantes monarchicos effectuar-se-ha pelas portas principaes do largo do Camões, que é cego d'um olho.

O bilhete de gare, para qualquer manifestação, dá direito a um grito de *viva!* correspondendo a outro. Cada viva a mais, correspondendo a outro,

Um burro de talento

Ha quem diga que o burro é grande burro. Mas quem o diz se o assegura, montez, Tem, é certo, o seu lino de casimuro, Mas não deixa de ser intelligente. E mais que muita gente.

Eu conheci um burro de moleiro (Chamava-se *Jinó*, o nosso bicho) Que não sei de sczando conselheiro Com maior lucidez e mais capricho, Apesar do sabicho.

Nunca fôra a Coimbra com esteaz, Nem frequêlára cursos regulares; Não fôra examinado em madureza, Nem tihava a coarivência dos jantares A's mesas do Tavares.

Por isso estava livre este animal De passar por poeta festejado, De ser um dia director geral, Sabido em *sport*, ou peçador de gado, Ou mesmo deputado.

O caso é que era um burro de talento; E quanto a sentimentos, ninguém tihava Em mais apreço a flor do sentimento; Só o que elle estimava a moleirinha, O curral, a farinha!...

A filha do moleiro, a Marianna, Achava-lhe, porém, certa mazella; Zurrar de mais de noite, e com tal gana Que a não deixava cuvir o Zé Sovela Quando ia ter com ella.

Porque (chiton!) ás tres da madrugada Ferrava o pão no somno, e a rapariga Abria a porta, vinha para a escada, Pegava de conversa, do cantiga, E não sei que lhes diga...

O pae moleiro habituado ha mezes Ao zurrar do *Jinó*, nem se movia; E resouando até, algumas vozes, Um duetto em torceiras lho fazia. Que esplêndida harmonia!

Até que a Marianna desgostosa Contra o *Jinó*, por causa do rapaz, Quando foram-se a dormir, murmurava Que elle esteve seis dias no curral, Mórmente por detraz.

O burro percebeu á maravilha O motivo da zanga da patrão, E, por não ter bolões, disse pirá cilha: —Pois bem, não zurrarei, doa a quem doa. Ora essa é muito boa!

A's tres da noite a dona, surrateira, Desceu; o Zé Sovela fôra exacto; Começou desde logo a cavaqueira Mas d'esta vez o burro (que pacato!) Calado como um rato...

Grande alegria, então, dos namorados, Que já podiam dar á faramela; A voz da Marianna eram trinados Para os ouvidos do seu Zé Sovela E a d'elle para oia.

Porém quando enlevados mutuamente Faziam mais protestos, o moleiro Apareceu, na escada de repente E partiu-lhes nas costas um furoiro De pau de castanheiro!

O gericio zurrando tihava, pois, Em mira que o moleiro não ouvisse As conversas nocturnas entre os dois E fizesse em seguida um folico. Era um talento —o disse.

Belmiro.

velocidade, conforme a policia presente e as suas disposições de espirito.

Nas manifestações a republicanos suscitou-se a observancia das disposições em vigor, isto é, aconselha-se os manifestantes a que tragam nas respectivas cabeças o rotulo FRÁGIL. A's vezes pôde succeder que alguma policia saiba ler e tenha cuidado.

Os manifestantes que habitualmente são victimas e até gostam, usá-lo nas respectivas cabeças o rotulo FRÁGIL!

Durante a noite batnear serão vendidos—exclusivamente para estes serviços—bilhetes de cá, destinados aos funcionarios designados como *bilhões*. Esses bilhetes são do contracto com o governo.

A companhia estabeleceu desde a data fixada um serviço de pharmacia annexo aos armazens do retém, onde os manifestantes encontrarão: arnica, pontos, ligaduras, pernas de pau, etc., tudo da casa de muitos artigos de A. L. Froure, gravador.



PALANQUES (para ver as manifestações de)—Serão estabelecidos na gare, defesos á policia, em *fourgons*. Fornecem-se, mediante requisição e pagamento de 100\$000 réis.

Os manifestantes poderão, porém, ser presos á saída e espancados fóra do recinto sem que o pessoal da companhia intervenha em esta seja obrigada a qualquer indemnisação.

Lisboa, 13 de julho de 1906.

Pelo conselho de administração
M. L. L.

Vae-vem

Lá vem outra vez o Abilio Lobo, de Londres, Sobem os regeneradores:

—O' Lobo amigo você vae para a Agencia Financeira de Londres.

—Pois não, meu carol!

Cahem os regeneradores. Telegramma: «Regresse v. ex.ª a Lisboa. E' supprimida a Agencia Financeira de Londres.»

Respostar:

«Não tardo uma loja de barbeiro.»

Sobem outra vez os regeneradores:

—O' Lobo, pois você está em Lisboa? Não sabe que faz uma falta do demónio em Londres? Vá para a Agencia Financeira, ande.



—E' para já! Agora sobem os francóceos: «Recolla a Lisboa, Agencia Financeira não é necessaria.»

E o Lobo;

«Pinto primeiro vapor.»

D'aqui a um mez, quando os francóceos cahirem, adeus Lobo; Londres te valha. Obra de tres mezes depois, desce novamente o Lobo ao povoado...

Se isto não é o moleo continuo então não sabemos o que seaj!

NB. Não se extranha o nós chamarmos *francóceos* aos adeptos do sr. João Franco. Por ahí chamam-lhe *francóceos*, mas é asneira, pois que Franco termina em o e não em a. Se não, o Caturra que diga.

só poderá ser dado mediante a apresentação de bilhete suplementar ao preço de 30 réis.

Para dar vivas nomeando a pessoa, partido ou coisa, terá o manifestante de manir-se do bilhete:

a) Para viva a pessoa.....	100 réis
b) Para viva á republica.....	500 »
c) Para viva ao directorio.....	300 »
d) Para viva a coisa.....	150 »

Nota.—Subentende-se que cada bilhete dá direito a um só viva.

Excepçiam-se os vivas á colligação liberal e ao partido regenerador-liberal que se poderão dar sem pagamento de bilhete emquanto não estiver approvado o orçamento em organisação.

Está suspenso o serviço de *morras*.

Os gritos de «abaixo a loi de 13 de fevereiro» são regulados pela tarifa B annexa á tabella 151. Estes gritos podem ser de pequena ou grande

O asseio portuguez

Monologo

Personagem unico: o Lopes.
O LOPES

Eu, graças a Deus, sigo rigorosamente todos os preceitos de hygiene e não ha de ser por falta de asseio que a doença me ha de atacar.

Tomo o meu banho todos os dias ao levantar da cama. Vem uma bacia de zinco com agua para o quarto e n'ella lava-se primeiro o meu pequeno, depois minha mulher e por fim a minha pessoa.

Em seguida visto-me, escovo o feto, engraxo as botas e vou almoçar.

A's dez horas vou para a minha repartição, o

como sou muito asseado, logo que chego, puxo do lenço e sacando o pé do feto e das botas. Asseio-me em seguida ao mesmo lenço, porque se varrou as ruas a essa hora e eu chego com as ventias atulhadas do poeira.

Como a cadeira pôde estar suja nunca me sento sem que primeiro lhe passo a mão, para a limpar. Carro tambem a mão pois secretaria não vá enlutar as mangas do casaco.

Confesso que tenho o pessimo costume de me sujar de tinta quando escrevo. Primeiro os dedos, depois o pescoço, depois o queixo e o nariz, embora limpe a cada momento a perna no cabelo, por asseio. Mas devo acrescentar que esses borrões de tinta só por alguns segundos me põem nodos na pelle, pois que immediatamente humedeço os dedos com saliva e os esfrego nos sitios manchados pela tinta.

Com as mãos, particularmente, é que tenho mais cuidado. Crêdo! ha pessoas que até tem entre os dedos das mãos sujidade como a que a gente costuma ter entre os dedos dos pés!

Na roupa branca tambem sou muito esculpulo-so. Logo que os meus collegas me dizem que cheiro a roupa suja, chego a casa e mudo-a.

Camisas uso-as quasi sempre de côr porque se trazem muito tempo sem apparecerem sujas; agora em meias é que sou muito infeliz: em as trazendo quinze dias nos pés, rompem-se logo!

Com isto não os enfado mais. Cá estou eu com vontade de espirar...

(*Quando pelo lenço*) o asseio primeiro que faço... (*espeje no lenço; espira*) com licença... (*assas-se ao lenço; olha para as botas*)... Eu de falar em limpeza e com as botas todas sujas... (*limpa as botas com o lenço*)... Crêdo! Como eu tenho as mãos a transpirarem! (*limpa as mãos ao lenço*)... Vamos a ver se ainda levo algum pingo de tinta na cara (*puxa d'um espelinho de algebeira e limpa-o ao lenço*) Nada: estou limpissimo... Parece que nem me poisou uma mosca... O lenço é que devo estar enxovalhadito, mas como, vai na algebeira não se vê. (*Examinando o lenço*) O diabol é uma fralda do pequeno! E já servida... Vou já levá-la para casa. O que terá dito a mãe a estas horas! Imaginem: só tem daas... [*saio a correr*].

Cae o panno

Deliciosa quadra de Sergio de Castro:

Abre-me a porta! Fechados
Tenho enconrado os portaes
Que o mundo escancra aos peccados
Linda quando são mortaes.

Onde diabo vimos nós uma coisa
como aquelle indicativo escancra? Ah!
já sabemos. Foi no

O' cidra consid'ra, ó cidra,
O' cidra consid'ra o bem!

Em fóco

Eis um Arroz que levantou fervura,
Mostrou ser de sustancia verdadeira,
E na questãe chamada jornalera
Tem feito uma lindissima figura.

Assim fivesse a classe á dependura
A carne e mais o pão, d'osta maneira!
Tinha alimento para a vida inteira,
Só podia queixar-se de fartura.

Andando aqui tão reles o mercado
E' caso de muitissima alegria
Encontrar um Arroz tão asseado.

Não tem sombra, parece, d'avaria,
E a Cosinha Economica do Estado
Não quer gastar d'aquella mercearia!

Belmiro



114-FDL DO SECULO-SUPPLEMENTO-17 de jul. 1908

VIAGENS

DE

GULLIVER

QUINTA PARTE

Segunda viagem a Brobdingnag

CAPITULO I

Fiquei contente de lhes ter dado gosto, porque me lembrava muitas vezes do que me succedera em uma das minhas viagens precedentes.

A nossa navegação foi feliz até S. Salvador, onde oito marinheiros desertaram com a lancha.

Por mais que eu pedi ao governador licença para os procurar, nunca quiz dar-m'a, dizendo que era costume dos hespanhoes proteger todo aquelle que procurava asylo entre elles.

Concebi então a imaginar por que meios i-varia ao cabo a empresa de ir á ilha dos «Hyuhannus», porque estava bem certo de que a minha tripulação me não deixaria

abordar n'ella ainda que eu tivesse a felicidade de achá-la. Custava-me muito não poder conversar com os meus dois amigos como costumava, porque as minhas occupações m'o não permitiam.

Eu bem sabia que o paiz dos «Hyuhannus» estava entre 43 e 46 graus de latitude meridional no mar da India, porém não era por lá o caminho da China; contudo sondei alguns dos officiaes e disse-lhes em conversa que tinha estado em uma ilha, na tal paragem, onde havia minas de ouro, melhores, sem comparação, do que todas as que se tinham visto até então no universo, contudo não descobri quaes eram os seus habitantes; disse-lhes só que eram indios pacificos, amigos do commercio e, não obstante o meu horror para a mentira, forcei-lhes uma historia com tantas apparencias de verdade que elles a acce-ditaram, de sorte que se offereceram para a participar á tripulação, o que se executou logo no mesmo dia e de commun accordo foi approvado o projecto de lá irmos.

Dirigimo-nos pois á mencionada latitude e não nos succedeu nada de extraordinario senão depois de termos passado a ilha de Madagascar, que algumas das nossas cartas geographicas trazem sob o nome de S. Lourenço.

A vista desta ilha descobrimos muitos

fragmentos de um navio e pelo laço da proa, que estava quebrado, conhecemos ser navio inglez.

Depois de termos caminhado mais duas leguas divisámos uma lancha que nos fez varios signaes a pedir que lho acudissemos, logo nos dirigimos a ella e tomámos a bordo os homens, que estavam em deploravel estado.

Havia seis dias que não comiam e meia hora antes de nos verem tinham lançado sortes sobre quem havia de ser morto primeiro para sustento dos mais.

O miseravel que tinha ficado, pela sorte, condemnado a servir de pasto aos seus moribundos companheiros, pediu uma hora para se preparar para a outra vida e, felizmente, antes que ella findasse, fomos vistos por elles.

Chamava-se o navio «Fiel Anna» e era commandado pelo capitão Sm-Elly por conta de um negociante particular e ao voltar da China tinha dado á costa n'uma ilha deserta, distante de Madagascar trinta leguas, afogando-se o capitão e cinco de trinta homens. Isto mesmo não m'o disseram senão passados dois ou tres dias, depois de estarem um pouco restabelecidos.

A 2 de junho, entre as 9 e 10 horas da manhã, levantou-se uma tempestade, que as grandes marinheiras experimentadas es-timaram havia de ser longa e violenta por

que se tinha visto o fogo de Santelmo em varias partes do navio.

O vento era noroeste e continuou com a mesma violencia vinte e dois dias seguidos, de sorte que nós fomos obrigados a ferrar as velas, servindo-nos da quando em quando unicamente da de mezena.

A 23 de junho foi já menos violenta e a 24 largámos as velas dos mastareus.

No dia 25, estando já o tempo sosegado, concertámos o estibordo do navio quei pelo continuo roçar da ancora emquanto durou a tormenta, tinha ficado bastante deteriorado e penso que essa recordaria durava havia muitos dias antes que nós a visse os.

N'aquelle dia navegámos para o poente, parecendo-nos que já nos tínhamos desviado muito para o norte.

A 28 gritou um grumete do cimo do mastro grande «Terra, terra» e como tal não esperavamos, ficámos admirados sobremaneira e caminhamos para a costa com vento sul-sudoeste.

Assestei que era a ilha dos «Hyuhannus» e não pôde deixar de o ir participar aos meus companheiros, que ficaram muito contentes, porque o cauceo do mar tinha alterado muito a sua sanção, de sorte que se viam obrigados a usar de toda a sua philosophia para não perderem a procelencia.

(Continua)



O VIAJANTE:— Acho este anno as Pedras demasiadamente salgadas! Porque está tudo tão caro?
O DONO DO HOTEL:— Mais uma corda...